



PROSA

Dois Dedos de

Nº 29 - Recife PE - Novembro de 1999

Agricultura Familiar Ecológica

PLANTANDO SUSTENTABILIDADE

Páginas 3 à 6



Crianças e Adolescentes participam de Campanha contra a Queimada em municípios do Sertão Central de Pernambuco

Página 2

Veja no encarte:

- **Como Fazer**
A Agrofloresta no Semi-Árido
- **Árvore**
Carajana do Sertão

Editorial

Vida Sustentável

Encontrar soluções adequadas e sustentáveis ao desenvolvimento é o desafio e ao mesmo tempo o objetivo de diversas organizações.

Somando a força dos movimentos sociais, a intenção de todos é fazer o caminho inverso do atual modelo de desenvolvimento: retirar da exclusão sócio-econômica milhões de brasileiros e brasileiras.

Por isso, a noção de cidadania está cada vez mais associada à de sustentabilidade. Cabe a todos encontrar meios e realizar ações que criem uma vida sustentável.

Parece estar ficando claro que é preciso olhar ao redor para julgar-se uma ação ou uma atividade é sustentável ou não. É necessário observar o que vai sendo criado enquanto trabalhamos.

É fácil ver o quanto diversos projetos de desenvolvimento, sobretudo no setor da agricultura, foram apontados quase como "soluções milagrosas" na geração de renda e de qualidade de vida para as populações envolvidas. Na maior parte dos casos, os projetos deixaram um rastro de degradação em diversos campos, indo desde a destruição da natureza até a degradação social, econômica e cultural.

Um exemplo típico foi o assentamento de Itaparica, para implantação de uma hidrelétrica entre os Estados da Bahia e de Pernambuco. Foi preciso deslocar quase cinco mil famílias, que foram assentadas em diversos projetos de irrigação. Hoje, 12 anos após este deslocamento, uma de cada três famílias está sendo indenizada porque os projetos não foram concluídos. Entre os vários motivos, principalmente por serem os inviáveis economicamente. No campo ambiental, um outro saldo é o processo de desertificação que vem ocorrendo em várias áreas do Submédio São Francisco.

Nesta edição do Dois Dedos de Prosa, trazemos matérias e artigos tratando exatamente do significado concreto da sustentabilidade ou do desenvolvimento sustentável nas nossas vidas. É hora de ver o que estamos fazendo no dia-a-dia e no "concreto" para deixar nossa contribuição neste processo que é sócio-econômico, cultural e ecológico.

Prefeitura valoriza experiência agroflorestal

No final do primeiro semestre deste ano, o Centro Sabiá organizou uma visita de representantes da Prefeitura Municipal de Triunfo (PE) e de organizações locais a uma experiência agroflorestal desenvolvida pelo agricultor Edmilson Soares, da comunidade de Santo Antônio. Edmilson trabalha em parceria com o Centro Sabiá, com a Associação de Desenvolvimento Sustentável da Serra da Baixa Verde (Adessu) e com o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Triunfo.

Após a visita, os representantes da Prefeitura destacaram os aspectos que mais chamaram a atenção. Para a primeira dama, Lúcia Alves de Lima, "esta iniciativa do Centro Sabiá é valiosa porque demonstra a força de vontade de um agricultor com um ideal a ser perseguido, que é a melhoria da qualidade de vida". Para Lúcia, é um trabalho muito importante porque é realizado na base, ou seja, na comunidade, servindo de exemplo para outros agricultores".

Já a secretária de Educação, Graça Torres, afirmou que "na área de educação é possível se trabalhar esta forma bonita de lidar com a natureza. Antes desta visita, eu pensava ser impossível recuperar o solo com uma prática como esta. Hoje, vimos e acreditamos que este trabalho possibilita isto", disse a secretária.

Na opinião do secretário de Agricultura, Raimundo de Freitas, a experiência de Edmilson mostra que existem outras formas de praticar agricultura no município, buscando resultados concretos. O secretário se comprometeu a apoiar o trabalho e a organizar visitas de agricultores e agricultoras de outras comunidades.

A visita levantou várias possibilidades de trabalho conjunto entre o Centro Sabiá, a Adessu, o Sindicato e a Prefeitura. Surgiu, por exemplo, a proposta de um projeto de reflorestamento, envolvendo várias associações, e a realização de um seminário municipal, além de uma série de palestras nas escolas de Triunfo.

Campanha contra queimada

Continuando este trabalho de sensibilização para a agricultura sustentável no Sertão Central de Pernambuco, o Centro Sabiá organizou com diversos parceiros o ato de lançamento da campanha "Dê valor à sua terra".



O ato reuniu, em Triunfo (PE), no mês de setembro, estudantes de escolas dos municípios de Santa Cruz da Baixa Verde, Triunfo e São José do Belmonte. Todos trabalharam, em diversas apresentações e danças a conscientização de agricultores e agricultoras para os malefícios da prática da queimada e do desmatamento.

Participaram sindicatos e associações de trabalhadores rurais, além da ONG Centro de Educação Comunitária Rural do Pólo Sertão Central (Cecor) e de representantes das prefeituras locais, entre eles o prefeito de Triunfo, Eduardo Lima.

Expediente

Informativo Nº 29 - Novembro de 1999

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO AGROECOLÓGICO SABIÁ

Rua do Sossego, 355 - Sto Amaro
CEP 50.050-080 Recife (PE)
Telefax: +55 (81) 423 8775
E-mail: sabia@elogica.com.br

Equipe Técnica:

Adeildo Fernandes, Avaniildo Duque da Silva, Flávio Duarte, José Aldo dos Santos, Joseilton de Sousa, Marcos Figueiredo, Marleide Irineu, Normeide Farias, Paula de Andrade e Ulrike Rapp.

Edição: Paula de Andrade
(Reg. Prof. 2.214 DRT/PE)

Diagramação: Pedro Neves

Fotos: Arquivo Sabiá

Circulação: Marleide Irineu

Apoio: ICCO, DED, Misereor

e Ministério do Meio Ambiente

Impressão:

Tiragem: 1.000 exemplares

Entre os dias 15 e 26 deste mês o Recife foi palco da 3ª Convenção Internacional de Combate à Desertificação e à Seca, conhecida também como "COP 3".

A desertificação é definida como sendo a degradação da terra, incluindo solos, recursos hídricos, vegetação e biodiversidade, com redução da qualidade de vida da população afetada. Trata-se de um problema crescente em todo o mundo.

Segundo informações das Nações Unidas, as áreas sob risco de desertificação ocupam mais de 30% da superfície terrestre e abrigam quase 1 bilhão de pessoas. Anualmente, a evolução do problema coloca fora de produção uma área equivalente a 6 milhões de hectares.

No Brasil, o processo de destruição da natureza torna a desertificação uma ameaça que se alastra por terras anteriormente férteis e produtivas, localizadas em diversos Estados do país, a exemplo do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rondônia e Tocantins. No Semi-Árido, já existe uma área total de 18.000 km², equivalente ao Estado de Sergipe, com uma paisagem que lembra desertos e se caracteriza pela existência de areais, buracos, vossorocas, vegetação rala e ausência de animais silvestres. De acordo com o Ministério do Meio Ambiente (MMA), uma superfície dez vezes maior, de 181.000 km², está seriamente comprometida no nosso país.

Do ponto de vista ambiental e social, a desertificação tem como conseqüências problemas de difícil solução, tais como a redução da biodiversidade, da disponibilidade de água e da fertilidade do solo. Isso afeta diretamente a capacidade produtiva e, por decorrência, empobrece a população.

Diante desta realidade cabe perguntar: o que fazer? Parece que diagnósticos e propostas para enfrentar o problema existem. Vale lembrar, neste sentido, documentos oficiais das convenções sobre

Desertificação: Agricultores familiares investem em soluções sustentáveis

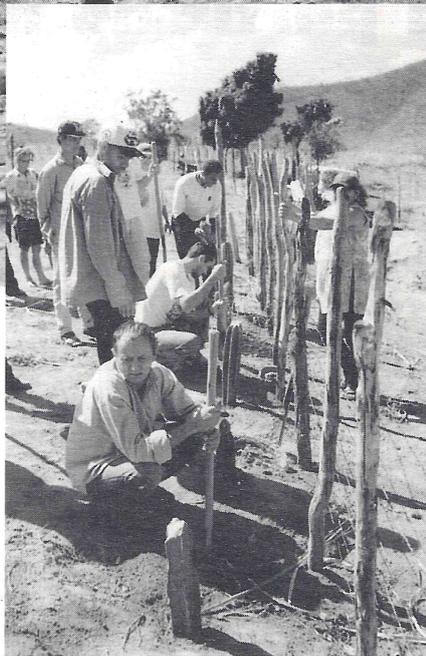
Marcos Figueiredo

desertificação e meio ambiente, incluindo aí a Agenda 21. Existem também documentos do Governo Federal, que através do MMA elaborou, por exemplo, as "Diretrizes para a Política Nacional de Controle da Desertificação". No campo da sociedade civil, existem também inúmeras contribuições, dentre elas as "Propostas para Desenvolvimento do Semi-Árido", documento elaborado, em 1993, por um coletivo de ONGs e entidades do movimento sindical, sob a coordenação da Contag.

Um ponto central para a discussão está em transformar o conjunto de intenções declaradas em ações concretas. Este salto representa o desafio maior e necessário a ser dado no enfrentamento da desertificação.

Na esfera governamental, isto significa a implementação de políticas públicas. E quando nos referimos a políticas públicas estamos falando de ações de pequeno porte, descentralizadas, com participação efetiva da comunidade. Soluções simples e baratas que podem e devem ser implantadas com a força de trabalho das próprias famílias, valorizando o conhecimento e os recursos locais.

E não grandes projetos, que apresentam "soluções milagrosas" e dependem de



Plantio de espécies resistentes à seca durante treinamento da campanha "Plantando Mais Vida Para Um Mundo Melhor", em Santa Cruz da Baixa Verde, Sertão pernambucano.

enorme volume de recursos, beneficiando, em especial, as empresas construtoras e os grandes proprietários de terra, a exemplo do projeto que pretende transpor águas do Rio São Francisco.

No Semi-Árido brasileiro, vem sendo implementadas experiências de sucesso em captação e armazenamento de água com baixo investimento, visando ao consumo humano e animal. Também está sendo feito o plantio intensivo de espécies florestais nativas e resistentes à estiagem, que recuperam a biodiversidade, a fertilidade do solo e aumentam a produção dos agricultores familiares. Os resultados dessas experiências animam técnicos e agricultores quanto às possibilidades de enfrentar o problema da desertificação com propostas adequadas à realidade dos agricultores e agricultoras familiares. Propostas, em geral, pouco valorizadas pelos representantes dos Países que estiveram presentes na "COP 3".

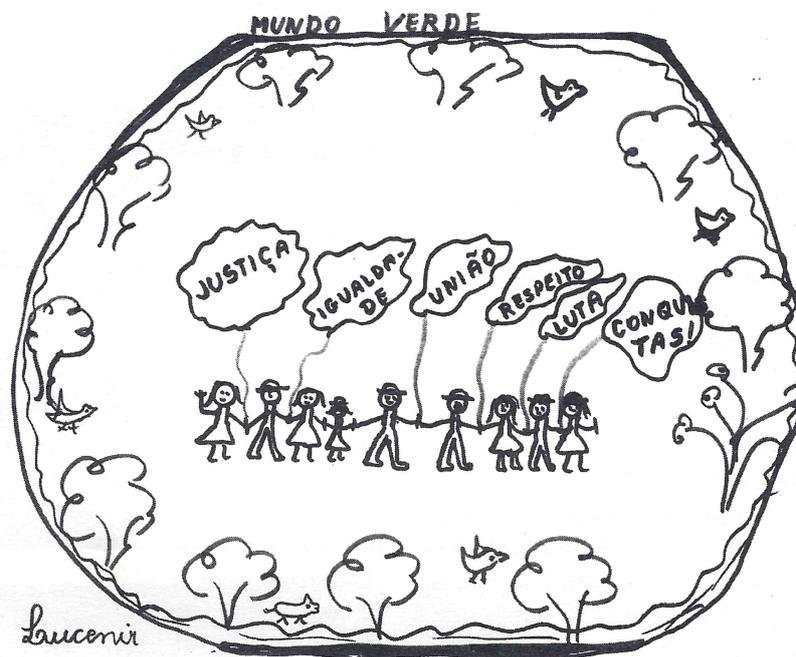
Sustentabilidade: uma questão a ser pensada a partir do nosso dia-a-dia

Joseilton de Sousa

O termo "sustentabilidade" está sendo usado cada vez mais, seja por pessoas que entendem ou que imaginam entender o assunto, seja nas várias questões relacionadas aos aspectos técnicos, ambientais, ecológicos, sociais etc.

Partindo desta percepção, sugiro que cada um faça uma reflexão quanto a sua prática para podermos saber se a relação entre o que falamos se aproxima do que praticamos, ou seja, se a relação entre teoria e prática está equilibrada. É importante termos uma concepção, um pensamento, uma idéia sobre o assunto sustentabilidade, tanto do ponto de vista do sistema de agricultura, como também em relação às questões ambientais e ecológicas.

Sustentabilidade se refere à característica daquilo que é duradouro, que tem a capacidade de se sustentar. Algo muito diferente do que está acontecendo em relação aos nossos solos, que estão muito empobrecidos pelas grandes criações de forma extensiva, queimadas, monoculturas, e pelo uso de agrotóxicos e de adubos químicos. A água, está cada vez mais escassa e poluída pelos esgotos, agrotóxicos, sem falar das nossas florestas, onde o processo de desmatamento é muito intenso, tanto na Mata Atlântica, como na Amazônia, na Caatinga e no Cerrado. Além disso, a fauna está



bastante ameaçada, vários animais já foram extintos.

Em relação à agricultura sustentável, trata-se de um sistema onde são considerados todos os elementos da Natureza, onde o elemento humano faz parte deste conjunto, desempenhando seu papel de "sintropia". Ou seja, as intervenções são realizadas na perspectiva de aumentar a vida, de diversificar o conjunto destes elementos, buscando imitar o processo que é desenvolvido pela Natureza. Tudo isso com o objetivo de conservar e preservar os recursos naturais existentes e ao mesmo tempo trabalhar também a questão da economia familiar através do processo de aproveitamento de tudo o que é produzido na propriedade. Aproveitar para o consumo da

família e para o processamento por meio do beneficiamento, com a finalidade de agregar valor aos produtos e colocá-los no mercado de forma mais estratégica, com a garantia de um melhor preço.

De um modo geral, as atitudes e as ações passam necessariamente por esta ótica de que devemos ter uma postura de contribuir com a preservação dos recursos naturais, que já são bastantes escassos, sejam eles água potável e limpa, a vegetação, a fauna, solos produtivos etc.

Existem outras questões de recursos naturais, como é o caso da energia elétrica. As pessoas têm em suas casas a energia elétrica e é fundamental a economia do uso deste recurso, no sentido de evitar a construção de novas barragens, que

geralmente são construídas em ambientes onde existe uma riqueza natural muito grande, que é destruída para estas atividades e em pouco tempo não se consegue mais produzir energia.

A economia só depende das nossas atitudes sensatas. Quanto ao consumo de combustível, é necessário reduzir o uso de energia fóssil. Os veículos são alguns dos principais poluidores do meio ambiente.

Concretamente, existe uma infinidade de aspectos que podemos trabalhar que podem surtir efeitos positivos em relação ao meio ambiente. Com a questão da água, podemos usar basicamente o necessário, plantar muitas árvores nos quintais, nas cercas dentro das propriedades, nas cidades, nas margens dos rios. Neste sentido, já existe a realização de duas campanhas que sensibilizam e estimulam esta atividade: a Campanha "Plantando Mais Vida para Um Mundo Melhor", promovida pelo Centro Sabiá, e a Campanha "Mata Atlântica Terceiro Milênio Desmatamento Zero", promovida pela Rede de ONGs que trabalham no ecossistema da Mata Atlântica.

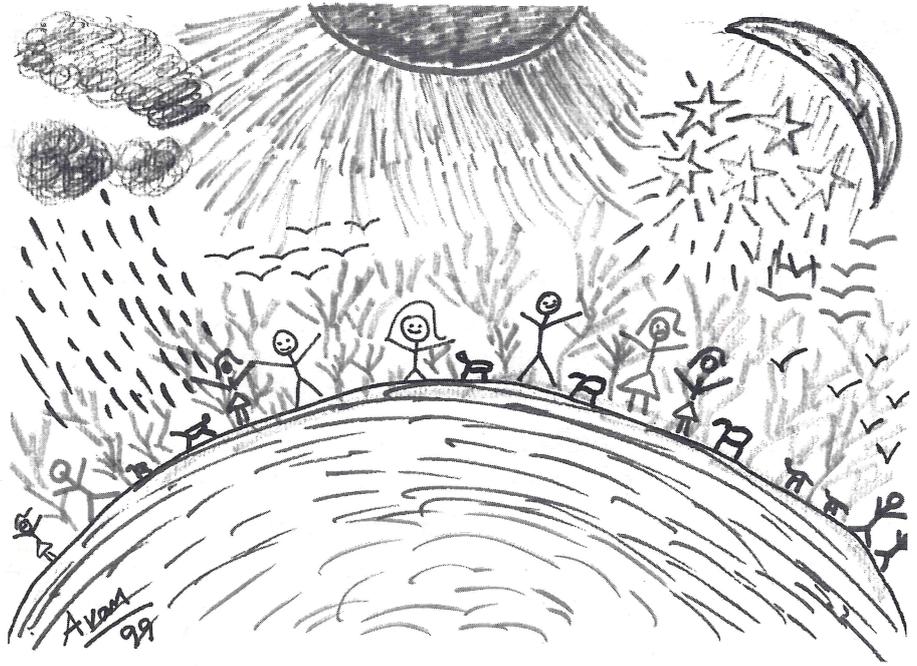
É importante participar, apoiar e incentivar pessoas para o consumo de produtos limpos, isentos de agrotóxicos, que são produzidos de forma socialmente justa, onde as relações de trabalho são equilibradas.

De fato, já existe uma divulgação, um conhecimento e noções da importância de uma "consciência" em relação ao meio ambiente para sua conservação. Está no momento de transformar estas questões teóricas em questões práticas do nosso dia-a-dia. Trata-se de uma reflexão onde a nossa prática,

mesmo nas coisas pequenas, é um dos pontos de partida para construir algo que acreditamos, que é contribuir com a preservação e convivência harmoniosa com a Natureza.

se cada propriedade contemplasse 20% de reserva florestal; se a prática ecológica se tornasse comum no meio das pessoas.

Não podemos pensar em agricultura sem pensar na



É fundamental perceber a Terra, a Natureza como um sistema vivo, dinâmico, onde todos os elementos se interrelacionam, um dependendo e contribuindo com o outro. Entendendo a Terra como um sistema, torna-se compreensível aos nossos olhos que todo mal que fizemos à ela estaremos fazendo contra nós mesmos. Não podemos admitir e nem ter a "cara de pau" de imaginar e dizer que a Natureza é cruel. Trata-se também de ter a coragem de reduzir ou abolir o consumo de elementos que são produzidos de forma insustentável. É extremamente importante que as políticas de desenvolvimento contemplem este aspecto da conservação dos recursos naturais. As constatações já foram feitas, é a hora da prática.

Imaginemosse o que é produzido em termos de propostas para o meio ambiente chegasse ao público alvo;

combinação com espécies nativas da floresta, sem pensar na grande diversidade de componentes de um sistema natural, que propicie o equilíbrio ambiental. Tampouco podemos deixar de refletir se estamos contribuindo para o fortalecimento da Natureza ou não nos preocuparmos com as gerações futuras. Ao mesmo tempo que existem estas preocupações, existe a necessidade real de fortalecer as ações das organizações para alcançar este importante objetivo que é o de reconstruir a Natureza, "enverdecer" o Planeta.

Ilustrações:

"O Mundo que queremos a partir do ano 2000".

Seminário de Parceiros do Sabiá, no Sertão de Pernambuco.

Novembro de 1999.

Manejo sustentável da criação animal, com seca ou com chuva

Joaquim Ballweg*

O mal-estar da maioria da população rural no Semi-Árido em época de estiagem prolongada se deve a vários fatores. Neste cenário, cabe destacar a importância da produção agropecuária, base econômica das famílias, cuja produtividade e rentabilidade está fora dos padrões de um salário digno para viver.

A principal fonte de renda, nas épocas de estiagem, poderia ser, para muitas famílias - se já não é - a pecuária, com ênfase na caprinocultura, que dispõe de mais resistência e maior aproveitamento das plantas nativas que o gado bovino. Sendo criação de gado ou caprinocultura, com a época seca do ano ou com anos de estiagem aguda, os agricultores sempre encontram problemas. Isso está relacionado, basicamente, com a falta de uma base alimentar, além dos descuidos com a sanidade animal ou manejo do rebanho em geral. Visto de outra maneira, pode-se dizer que o tamanho do rebanho supera, por alto, a oferta de forragem.

Por outro lado, estão totalmente desvalorizadas ou desconhecidas algumas alternativas de preparação e conservação de forragem de alto valor, com recursos próprios e

sem dependência desesperada das chuvas de um inverno "normal".

Vamos tomar como exemplo a maniçoba (*Manihot sp.*), planta conhecida por todos os agricultores. Sabemos que a maioria das pessoas, no âmbito rural, faz tudo para que a maniçoba desapareça dos plantios ou da Caatinga. Ao fazer isso, arranca parte de sua própria subsistência, de uma riqueza que poderia servir para mitigar os flagelos da seca.

que é facilmente eliminado através da trituração e secagem por dois a três dias ao Sol. Depois, é só guardar em sacos e utilizar em época de verão, quando não existe suficiente oferta de alimento para o rebanho. Esta prática é realizada, e há mais de dez anos, em institutos de pesquisa como o IPA-Sertânia ou o Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido (CPATSA).

O feijão bravo (*Capparis flexuosa*) é outra planta nativa e



Sendo uma planta rústica, a maniçoba produz - mesmo em anos secos - e deveria entrar no cardápio do gado, do caprino, do ovino. O que pode causar a morte do animal, consumindo maniçoba, é uma substância tóxica chamada ácido cianídrico,

pouco valorizada, embora uma das mais resistentes à seca. É rica em proteína e bastante apreciada pelos animais. Sua excelência como forrageira se afirma pelo fato que recomeça a sua fase de produção de folhas justamente durante o período seco,

independente do reinício do ciclo das chuvas, quando não há disponibilidade de forragem verde. Um detalhe importante: a semente se desprende da planta com alto teor de umidade, o que dificulta o armazenamento. Por isso, recomenda-se o plantio imediatamente após a coleta de sementes.

Plantando a maniçoba no espaçamento 0,5m x 2m, com estaca ou semente, em consórcio com a palma forrageira (2m x 1m) e o feijão bravo (2m x 1m), temos como produtividade média anual, depois de dois anos de cultivo do consórcio, 10 t/ha de matéria seca (a metade vem da maniçoba). Além disso, 1.100 kg/ha ou 700 kg/ha de proteína que vão reforçar a alimentação da criação.

Isto demonstra um potencial forrageiro anual suficiente para alimentar 25 cabras (produzindo 1 litro de leite/dia) ou respectivamente três vacas de raça holandês/zebu com sete litros de leite/dia. Pode-se destacar o alto percentual de proteína da maniçoba e do feijão bravo (20%) capaz de substituir grande parte de alimento "importado" ou mesmo o chamado "alimento balanceado" e assim diminuir os custos. Além disso, a digestibilidade de proteína dessas duas forrageiras oscila em torno de 60% a 65% ultrapassando, por exemplo, a jurema preta - outra forrageira nativa - em mais de três vezes, com 20% de digestibilidade da proteína bruta.

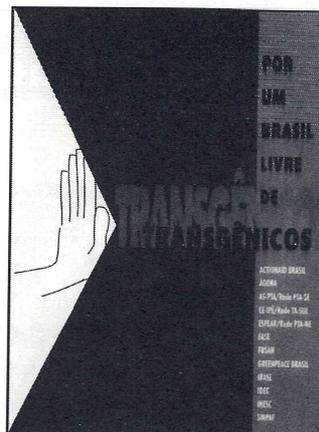
Além da utilidade para o

indivíduo humano, vale dizer que o plantio acima descrito contribui para colocar em prática o que todos reclamam quando se fala na preservação do meio ambiente. Isso porque significa uma utilização permanente da terra, sem desmatamento das poucas áreas ecologicamente intactas e fundamentais para a sobrevivência da família de agricultores, da comunidade, e das cidades de maneira geral. O consórcio de palma, maniçoba, feijão bravo e possivelmente milho e feijão-de-corda é um exemplo de manejo no Sistema Agroflorestal!

A valorização dos recursos próprios e das riquezas que nos rodeiam merecem maior atenção, se queremos sair das dependências externas e das preocupações repetitivas, como a baixa rentabilidade das lavouras tradicionais, os problemas no manejo da pecuária, a degradação dos solos e o empobrecimento geral do nosso ambiente, incluindo os seres humanos. Depende apenas da nossa vontade.

* Joaquim Ballweg atuou como cooperante do Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social (DED), no Sindicato de Trabalhadores Rurais de Afogados da Ingazeira (PE). Atualmente trabalha sistemas agroflorestais na Amazônia.

Publicações



Por um Brasil livre de transgênicos

Actionaid Brasil e outros, 1999

16 p.

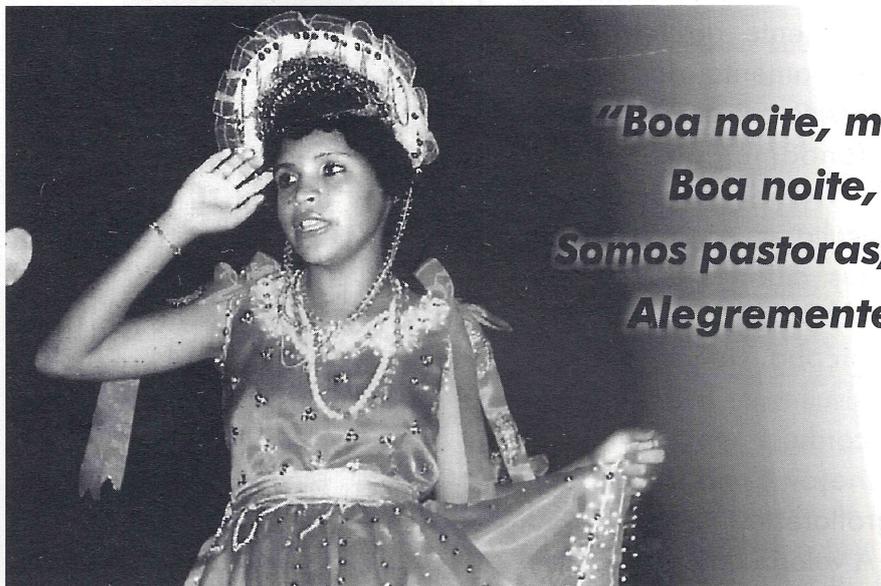
"Se você pensa que pode ignorar o que são transgênicos, saiba que sua saúde pode estar sendo ameaçada pelo que você come; que o futuro da agricultura pode estar em risco pelo uso destas plantas e que o meio ambiente pode ser destruído de forma irreparável; tudo isso para garantir os super-lucros de meia dúzia de empresas multinacionais". Desta forma a cartilha "Por um Brasil livre de transgênicos" - recentemente publicada pela Actionaid Brasil, juntamente com mais 11 parceiros - expressa e denuncia os perigos e os males provocados pelo cultivo de sementes modificadas geneticamente e pelo consumo de alimentos transgênicos.

Segundo a publicação, já foram autorizados 636 testes de campo para 176 variedades transgênicas de arroz, milho, batata, soja, algodão, cana-de-açúcar, fumo e eucalipto. Fique alerta.

Os interessados na cartilha - que recebeu o apoio de diversas entidades da Rede PTA, entre elas o Centro Sabiá, podem fazer pedidos para: AS-PTA Nacional, Rua da Candelária, 09 - 6º andar CEP 20.091-020 - Rio de Janeiro (RJ). O telefone do AS-PTA é (21) 253 8317.

Versos e Prosas

Encarnado e Azul, Religioso e Profano



**"Boa noite, meus senhores todos!
Boa noite, senhoras, também!
Somos pastoras, pastorinhas belas.
Alegremente vamos a Belém..."**

No Nordeste, quem já viveu ou assistiu a um pastoril sabe o quanto pode ser belo o som das vozes femininas neste coro. Representado ao ar livre, o pastoril é uma dança ou folguedo popular nordestino que homenageia o Menino Jesus, contando a estória do seu nascimento.

As origens do pastoril estão ligadas ao presépio, que foi criado na Europa, na Idade Média. O presépio era um espetáculo sagrado, montado dentro ou na frente de igrejas ou em palcos ambulantes. Trazida pelos portugueses, essa representação do nascimento de Cristo passou a ser cantada e dançada, dando origem ao pastoril.

Dois cordões de pastorinhas formam o pastoril: o "encarnado" (vermelho), comandado pela mestra, e o azul, comandado pela contramestra. Entre os cordões, está a Diana, vestida com as duas cores, moderando as disputas entre os simpatizantes dos dois cordões. Com a cor do próprio cordão, cada pastora se veste e enfeita um chapéu (ou fita) com flores, além do pandeiro que usa para acompanhamento da música. Participam também do pastoril os Anjos, a Borboleta, a Estrela D'Alva, a Estrela de Belém e o Pastor.

Fazendo uma variação do pastoril religioso, surgiu o pastoril profano. No lugar do Pastor temos o Velho, que anima

pastoras e o público com piadas, músicas de duplo sentido e muita malícia. Uma das atrações do Velho é leiloar entre os espectadores alguns cantos, danças e beijos das pastoras. Enquanto o pastoril religioso é feito mais por meninas e adolescentes, participam do pastoril profano mulheres jovens. A improvisação e a troca com a platéia é sempre presente no pastoril do Velho, sempre cheio de animação, aplausos e até vaias.

Fonte:
Espetáculos Populares de Pernambuco
Org.: Carlos da Fonte Filho
Recife: CEPE, 1998.
P. 141-45